

## “ALPHAVILLE – do lado de dentro do muro”, de Luiza campos

*Direção: Luiza Campos. Roteiro: Luiza Campos. 2010. Produção: Mixer Films. Documentário, 54'25". Disponível em: <https://vimeo.com/64675579> Acesso em: 05 jan. 2023.*

Cleiton de Aragão Santos <sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-5660-1433>

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista  - Presidente Prudente (SP), Brasil

Autor de correspondência: [cleiton\\_2aragao@yahoo.com.br](mailto:cleiton_2aragao@yahoo.com.br)

Recebido: 17 Jan. 2023. Aceito: 31 Jul. 2023

Editor de seção: Glaucio Marafon

“Alphaville - do lado de dentro do muro” é um documentário elaborado pela jornalista Luiza Campos, que apresenta um relato sobre o dia a dia em um condomínio fechado, com as preocupações em relação à segurança e visões um tanto quanto controversas sobre a interação das classes sociais no espaço urbano. Campos decide alugar um imóvel localizado em Alphaville – São Paulo – SP para vivenciar a realidade de autoss segregação no local e obter relatos dos próprios moradores sobre seu estilo de vida, a segurança que encontram no condomínio e a relação com os que estão do lado de fora do muro.

A maioria dos entrevistados demonstra extrema preocupação com os níveis de violência da capital paulista, inclusive citando situações de roubos e assaltos vivenciados por eles ou por pessoas próximas. Além disso, a preocupação com as possíveis más companhias para os filhos também é constante, o que fica claro na fala de uma moradora, que relata ter visto pessoas realizando tráfico de drogas praticamente no portão de sua casa.

A obra apresenta o dia a dia das famílias de Alphaville, com boa parte das residências contando o auxílio de funcionários, como faxineira, cozinheira e o que mais chama a atenção, o trabalho das babás. O documentário mostra várias babás levando as crianças para passear em seus carrinhos de bebê, com uniforme que parece padronizado e mostra como há uma padronização na própria maneira de se viver do lado de dentro do muro.

Os sistemas de segurança são mostrados em detalhe, com todas as câmeras e monitores utilizados para vigiar o que acontece dentro e fora do residencial. Um dos seguranças é entrevistado e explica todo o sistema, especialmente sobre como é realizada a identificação de quem adentra esse espaço.

A interação dos moradores do residencial com o mundo externo chama atenção, especialmente quando crianças ou adolescentes acostumados à segurança do condomínio fechado encontram realidades diferentes quando vão para os bairros de São Paulo. A noção do mundo externo pelos mais velhos é mais clara, - como percebido no churrasco realizado em uma das casas do Alphaville, quando um dos homens afirma que o documentário vai mostrar algo além das favelas e miséria do Brasil - mas muitos jovens nasceram e cresceram dentro desse ambiente mais fechado e tido como seguro.

Luiza Campos relata um fenômeno que diz muito sobre a essência do documentário: os moradores vêem a filmagem como uma oportunidade de quebra da rotina, de uma vida que se mostra repetitiva, e muitas vezes monótona. A filmagem é vista pela documentarista como

uma ponte para o lado de fora, pois os moradores podem ter contato com pessoas e experiências externas.

Outro exemplo de tentativa de quebra da monotonia existente no residencial é a caminhada em espaços pouco convencionais do condomínio. Um dos moradores caminha com seus cachorros em um fosso externo aos muros principais de Alphaville, em uma das áreas menos limpas e vistosas do local. Uma das frases mais marcantes da obra é desse morador: "Cidade confortável é a cidade segregada". Ao se deparar com bolas de futebol jogadas nesse fosso e na ação de jogá-las para o lado menos favorecido do muro, ele tem contato com crianças que revelam, além da própria pobreza existente no bairro vizinho, a ingenuidade daqueles que nem sequer imaginam o porquê de tamanha segregação.

O processo de divisão, separação entre as pessoas na sociedade é reforçado por uma entrevistada que afirma que "o muro existe em todo lugar", pois há pessoas com janelas trancadas, portas trancadas, grades nas janelas e muros na maioria das localidades, e afirma que "aqui a gente tem um muro a mais".

Outra senhora procura mostrar consciência sobre viver em uma "realidade paralela" em relação ao que é vivenciado pela maioria das pessoas em São Paulo: "Aqui não deixa de ser uma redoma de vidro. Aqui não é a realidade, a realidade é São Paulo".

A documentarista propõe a uma menina que mora no bairro que registre em uma câmera fotos que melhor representem o condomínio, recebendo como resposta ao pedido muitas fotos que abordam os muros que envolvem Alphaville. Ao questionar o porquê de tantas fotografias do tipo, a menina responde: "O muro é segurança, é como a grade".

Percebe-se que há uma preocupação com a segurança por parte de todos os grupos que vivem no residencial, desde os adultos até as próprias crianças, desde cedo acostumadas à realidade de isolamento e pouco familiarizada com o ambiente externo, com a realidade de outras pessoas que não possuem os mesmos recursos e infraestrutura que os moradores de Alphaville podem desfrutar. Há a possibilidade de uma dessensibilização em relação ao outro, àquele que está distante, como muitas vezes se verifica, até mesmo por meio do preconceito.

Luiza Campos encerra sua passagem de dois meses pelo residencial com uma sensação de segurança e tranquilidade, mas ao passar de carro pela realidade das favelas paulistanas percebe o quanto os contrastes fazem mal à sociedade e provavelmente tenha avistado a possibilidade de maior integração entre as classes sociais, culturas e visões de mundo. Ao vivenciar novamente a velocidade com que tudo acontece em São Paulo, a jornalista mostra uma paz e tranquilidade de quem entende a necessidade de uma troca de informações e ideias que tanto faz bem à sociedade. A verdadeira integração e a democratização do espaço urbano só acontecerá quando a cidade por pensada e produzida para todos, o que está muito distante do horizonte atual.